



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

VICTOR CAMARGO ROSSINI

**(DES)ATANDO NÓS;
AS AMARRAÇÕES SUBJETIVAS NA PSICOSE**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

VICTOR CAMARGO ROSSINI

**(DES)ATANDO NÓS;
AS AMARRAÇÕES SUBJETIVAS NA PSICOSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R835d Rossini, Victor Camargo.
(Des)atando nós [manuscrito] : as amarrações subjetivas na psicose / Victor Camargo Rossini. - 2019.
22 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Psicanálise. 2. Psicose. 3. Sujeito. I. Título
21. ed. CDD 150.195

VICTOR CAMARGO ROSSINI

(DES)ATANDO NÓS; AS AMARRAÇÕES SUBJETIVAS NA PSICOSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

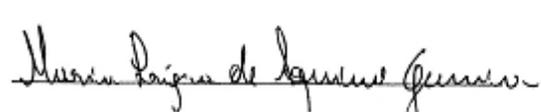
Aprovada em: 26/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



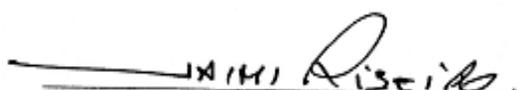
Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jaimis Ribeiro Soares

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedicado à minha família que me apoiaram em todos os momentos e aos meus professores que tornaram tudo isso realidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	02
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	03
2.1	Constituição do Sujeito.....	04
2.2	Estruturas Clínicas.....	05
2.3	A psicose.....	06
2.4	A Clínica Borromeana.....	07
2.5	Rompendo os Nós.....	08
2.6	Amarrações Subjetivas.....	09
3	METODOLOGIA.....	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
	REFERÊNCIAS.....	16

(DES)ATANDO NÓS; AS AMARRAÇÕES SUBJETIVAS NA PSICOSE

Victor Camargo Rossini¹

RESUMO

Este trabalho é uma revisão bibliográfica em forma de artigo, enlaçado ao estudo da psicanálise focado nas obras e teorias de Freud e Lacan, tomando como eixo principal a Psicose. Abordando desde a constituição do sujeito imerso na linguagem até a elaboração das estruturas clínicas. Freud teorizou inicialmente a descoberta do inconsciente e Lacan teorizou a partir das demandas clínicas o retorno a Freud. As teorias de Lacan são apresentadas em dois momentos conhecidos como clínica estrutural e clínica Borromeana. Teceremos recortes dessa teoria para falar das psicoses e suas possibilidades de amarrações subjetivas. Tomando como foco as três ordens do Real, Imaginário e Simbólico, interligados pelo Sinthome, pela teoria da segunda Clínica de Lacan

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Psicose; Sujeito.

ABSTRACT

This work is a bibliographical review in the form of an article, linked to the study of psychoanalysis focused on the works and theories of Freud and Lacan, taking as its main axis Psychosis. Approaching from the constitution of the subject immersed in the language until the elaboration of the clinical structures. Freud initially theorized the discovery of the unconscious and Lacan theorized from the clinical demands the return to Freud. The theories of Lacan are presented in two moments known as clinical clinic and Borromean. We will make cuts of this theory to speak of psychoses and their possibilities of subjective ties. Focusing on the three orders of the Real, Imaginary and Symbolic, interconnected by the Sinthome, by the theory of the second lacan Clinic.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Psychosis; Subject.

¹ Graduando em Psicologia pela UEPB. E-mail: rossinivictor@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo ocupa-se das psicoses, partindo de Freud e da releitura de Lacan, privilegiando principalmente a clínica estrutural. Sabe-se que Freud começou sua teoria a partir da descoberta do inconsciente com as demandas clínicas da época, em que não havia resposta para a demanda das histéricas. Então teorizou aquilo que vai além do corpo, relacionado às doenças mentais que operavam por meio da linguagem. Lacan pelos estudos iniciais com Ferdinand de Saussure tomou a linguagem como estruturadora do inconsciente e elaborou sua teoria em dois momentos: a primeira clínica como retorno a Freud e clínica estrutural; e a segunda para além do Édipo, conhecida como Borromeana ou continuísta.

A psicanálise usa a nomenclatura de três principais estruturas: Neurose, Perversão e Psicose. Cada qual como sua forma de estruturação baseada em sua relação com a inscrição da lei Paterna. O nome-do-pai, que vem a barrar a junção inicial entre mãe e bebê, a alienação do Outro e outro. A psicose, primeiramente estudada por Freud, foi tomada inicialmente como inviável ao tratamento psicanalítico. Primeiro caso estudado e clássico pela fonte do próprio autor foi Schreber, um caso de psicose desencadeada que Freud se ateu. Lacan, a partir das demandas clínicas, prioriza o estudo das psicoses, e o tratamento via a psicanálise. Ele elaborou a constituição do sujeito ligado em três ordens: Real, Imaginário e Simbólico. Interligando esses três laços, existe a construção do Sinthome, um saber fazer pelo próprio sujeito. Aquilo que o mantém estruturado e amarrado aos seus nós.

O delírio é a tentativa de reconstrução para se lidar com o Real, quando se está em momento de rompimento das três ordens. O estudo a respeito do que faz com que o sujeito psicótico desestabilize ou não; como se dão os laços subjetivos que o mantém ligado às três ordens; o avanço da teoria de Lacan, a partir da segunda clínica, quando ele teoriza sobre Sinthome. Este estudo usa como método a revisão bibliográfica da trajetória da constituição do sujeito até o que o mantém amarrado ou não à realidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A psicanálise nasce a partir do estudo das neuroses com Freud, começou com a demanda das histéricas, pacientes com sintomas que surgiam de forma somática e não se entendia primordialmente qual motivo dessas doenças. Não sendo por função de algo propriamente físico, mas de forma a ter manifestações sintomáticas no corpo das pacientes sem explicação fisiológica aparente.

Atravessando o campo da hipnose, proposto no início por Charcot, Freud em sua clínica observou a ineficácia do tratamento por meio de sugestão. Os sintomas cessavam por certo tempo ou se desenvolviam de uma forma diferente em outro local do corpo, até mesmo de outra maneira totalmente distinta. Freud ouvindo as histéricas descobriu que o ato de falar surtia mais efeito. Com o tratamento desenvolvido com Anna O, uma de suas primeiras pacientes, encaminhada por Josef Breuer, a qual chamou o tratamento de “Talking Cure” (FREUD, 1910). Freud então observou que o inconsciente operava por meio da fala e em seu atendimento convocava o sujeito a expressar em palavras e queixas, atentando aos vacilos que este registrava no seu discurso. O método criado por Freud sustentava-se na regra primordial da Associação livre, na construção do corpo teórico da psicanálise, Freud relatou os furos presentes no discurso dos pacientes, ilustrando assim o inconsciente dentro do próprio discurso do analisando; propôs a palavra como acesso a Outra cena do inconsciente, “sem qualidades” e que dessa maneira poderia emergir (ELIA, 2010, p.19-20). Com a evolução teórica da psicanálise surgiram outras demandas, a psicose sendo uma delas. A princípio, Freud a teorizou como um transtorno narcísico, se interessando por essa demanda, a partir da leitura e dos estudos do livro de Schreber. Ele questionava a possibilidade de o tratamento psicanalítico ser eficaz para um sujeito na estrutura clínica da psicose. Desse modo, a psicose passa a ter lugar como possibilidade de tratamento com a psicanálise, a partir da clínica e releitura de Freud feita por Jacques Lacan.

Lacan desenvolve sua teoria em dois momentos que ficaram destacados como primeira e segunda clínica. Esta primeira, construída em função de um retorno aos textos freudianos – a clínica Estrutural ou clínica regida pelo Nome-do-pai, e a segunda clínica desenvolvida para além do Édipo, conhecida como Borromeana ou Continuista. Lacan registrou em seus primeiros estudos como o sujeito se constitui. Essa trilogia são três textos de Freud — “A interpretação dos sonhos” (1900), “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905) — objetos de estudo em sua primeira clínica para

explicar o inconsciente estruturado como linguagem, utilizando também conteúdos extraídos dos cursos de linguística de Ferdinand de Saussure.

Lacan falou sobre a linguagem exprimindo-a na articulação dos significantes com as leis da metáfora e da metonímia. É pela fala que se implicam as mensagens do sujeito e seu reconhecimento com o Outro, Lançando o aforismo teórico: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (SADALA & MARTINHO, 2011). No início, baseado nos estudos de Saussure, Lacan delineia duas estruturas: a estrutura da linguagem e a estrutura da fala, reduzindo a uma só, o conjunto dos significantes (a estrutura da linguagem) deve ser situado no lugar do Outro (na estrutura da fala), que a dissimetria não só implica que este Outro decide o sentido do que digo, mas porque é o destinatário da mensagem, deve ser também o lugar do código que permite decifrá-lo (SADALA & MARTINHO, 2011, P.251).

Lacan infere em sua teoria: "O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou brinquedo de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar" (BRUDER & BRAUER, 2007, p. 521). O que ele falou sobre o inconsciente é que em todos os sentidos ele é estruturado pela linguagem e dessa forma se articulam os significantes. O inconsciente é constituído pelo desfilamento dos significantes, que deslizam sem cessar não em significados já prontos, mas com uma significação a se construir nos jogos significantes. O que Freud designa por cadeia associativa, Lacan vai chamar de cadeia de significantes, um significante articula a outro, a outro, a outro (p.30, QUINET, 2003). Dessa forma, a psicanálise entende o sujeito como sendo construído continuamente no deslizamento de cadeias de significantes para se constituir em novas cadeias que nunca permanecem inertes.

2.1 Constituição do Sujeito

O sujeito se constitui, estruturado por meio da linguagem, não “nasce” e não se “desenvolve” (ELIA, 2010, p. 36). O sujeito antes mesmo de nascer já está imerso na cultura, até sem saber falar já está imerso na linguagem e se encontra na posição de objeto de desejo do Outro. A cadeia de significantes advindas do Outro, já circula sua existência para então o sujeito poder capturar um, dentre os muitos significantes

ofertados, e a partir dos significantes oferecidos primordialmente desse Outro formular seus próprios significantes.

A princípio a criança vive uma relação conjunta com sua mãe de outro e Outro, denominado por Lacan de Alienação. A criança do lugar de objeto desse grande Outro materno operando numa relação simbiótica de processos subjetivos inconscientes, sendo a primeira etapa de constituição do sujeito. Segundo a formulação de Lacan (1960/1998), a alienação é própria do sujeito, ela nasce por ação da linguagem. O lugar de Outro, que a mãe ocupa neste momento, oferece através de diversos significantes além do alimento, também a voz, o olhar, o toque, etc. A própria mãe não sabe o que oferece e o sujeito se submete a um dentre os vários significantes que lhe são ofertados pela mãe (BRUDER & BRAUER, 2007, p.515). É nessa fusão da criança com o Outro que ela toma para si seus primeiros significantes. O sujeito vai deslizando de significante em significante pelo conjunto da linguagem que compõe este Outro (QUINET, 2012, P.16). Só pode se reconhecer como outro, a partir do momento que o Outro como linguagem é internalizado.

Após o primeiro momento em que a mãe ocupa o lugar de Outro, para que o indivíduo possa apropriar-se dos significantes e ocupar uma função de sujeito na ordem simbólica é preciso acontecer a inclusão da lei – o Nome-do-pai – no Outro. (...) A lei que proíbe que a mãe possa usar a criança como o seu objeto (QUINET, 2012 P.19). Essa separação é o significante fundamental estruturador do sujeito, em que Lacan nomeou de metáfora paterna que tira a criança da função de objeto de gozo do desejo da mãe. O resultado dessa metáfora é a inclusão do nome-do-pai no lugar do Outro e o acesso à significação fálica (Φ), que permite ao sujeito se situar como homem ou mulher, na partilha dos sexos (QUINET, 2012 P.19). Freud trouxe o complexo de Édipo no lugar em que para Lacan inscreve a lei paterna na relação gozosa. Com essa inscrição, acontece o corte na relação de gozo entre mãe e bebê. A partir dessa inscrição o sujeito se insere em uma das estruturas clínicas teorizadas por Lacan.

2.2 Estruturas Clínicas

Lacan no começo de sua trajetória teórica trabalhou a clínica como retorno a Freud. A sua herança estruturalista na psicanálise. Usando os termos de neurose, psicose e perversão para separar os três tipos de estruturação do sujeito, tomando como fundamento o inconsciente estruturado como linguagem. O sujeito é efeito da articulação significante e a primazia do registro do simbólico. Essa clínica ficou conhecida como estrutural, os

primórdios de seus escritos relatados em conjunto nos seus primeiros seminários (PONTES E CALAZANS, 2017).

A inclusão do nome do pai na lei fálica refere-se diretamente a castração simbólica do sujeito, dando então origem a estruturação que é formulada de três formas a partir da separação do desejo do bebê e da mãe. Freud remeteu esse momento da constituição do inconsciente pelo complexo de Édipo. A primeira escolha do objeto de desejo por parte do sujeito, dando origem à nomenclatura das estruturas clínicas que foi melhor formuladas por Lacan em sua primeira clínica, fundando-se na resposta do sujeito a castração e a escolha do objeto.

A constituição do sujeito posicionada em uma das estruturas clínicas da psicanálise ocorre pela inscrição ou não inscrição do nome-do-pai na relação entre mãe bebê que se encontram alienados. Essa castração simbólica quando ocorre situa o indivíduo na neurose ou perversão, e quando passa do tempo da imposição da lei paterna recorre à entrada no campo da psicose. A relação é estagnada no primeiro momento, na relação gozosa do sujeito sendo objeto de gozo do grande Outro tomado como sua mãe *apriore*.

Na neurose o indivíduo passa por todos os momentos da castração simbólica. Percorrendo o estágio de espelho com a alienação, prosseguindo com a inscrição da lei paterna teorizada por Lacan, e a castração simbólica teorizada por Freud. Ao passar por esses tempos o sujeito neurótico recalca o fato traumático e se situa na partilha dos sexos. Ao mesmo tempo o processo é bem semelhante na estrutura perversa, a única diferença que o sujeito apresenta é o fato traumático da castração ser denegado ao invés de recalçado, conseqüentemente colocando em seu lugar um objeto fetiche como sua forma de resposta a inscrição do nome-do-pai.

2.3 A psicose

Diferente das demais estruturas, a psicose apresenta especificidades distintas, fato que levou Freud a duvidar da possibilidade de a psicanálise poder se ocupar desse tratamento. Lacan teorizou sobre as psicoses e sua possibilidade de tratamento, apontando novas direções. Freud denominou a psicose como um modo patológico defensivo, um radical mecanismo de defesa do inconsciente (GUERRA, 1971). Denominando ser impossível que estabeleçam a transferência em análise, chegando

mesmo à nomenclatura de que as patologias que envolvem essa estrutura (esquizofrenia e paranoia) são neuroses narcísicas, contraindicando a aplicação do método psicanalítico nesses sujeitos (GUERRA, 1971 p.17). Diferentemente das outras estruturas, nas quais ocorre a castração e o fato traumático é recalçado ou denegado, assim colocando o sujeito na identificação do sexo e direcionamento do desejo; na psicose a castração não ocorre o fato traumático pela separação do desejo da mãe e do bebê não acontece, logo a lei do nome-do-pai não se inscreve nessa relação.

No primeiro momento entre a mãe e a criança, acontece a relação entre o outro e o Outro, este pequeno outro que é esculpido pelos desejos e significantes do Outro. O “eu” está para o outro assim como o “sujeito” está para o Outro. O sujeito é determinado pelos significantes do Outro. Nas demais estruturas, presentes e teorizadas na primeira clínica de Lacan, ocorre a disjunção desse pequeno outro e grande Outro, situando o sujeito na cadeia de significantes com o conteúdo de faltante e castrado, assim sendo, simboliza diferentemente do psicótico, que por não possuir esse trauma, acaba lhe faltando respostas significantes para situações em que precisa responder como faltante.

Pela foraclusão, o sujeito recusa o acesso ao mundo simbólico, e outras consequências acompanham essa constituição, como o fato de o indivíduo por não ter experienciado a falta, não se identificar na partilha dos sexos. Há algo nele que por não ter perdido não se é identificado. Se a foraclusão é a não captação da falta de pênis no corpo da mulher, estamos frente a um tipo de negação relativa ao Édipo, mas uma negação que não admite o Édipo; que nada conserva visto haver a recusa do significante paterno (...) o psicótico não escolhe na partilha dos sexos, já que é pela dúvida e pela dívida que o sujeito ascende à questão da diferenciação sexual (FARIAS, 2010, p.91).

2.4 A Clínica Borromeana

Com as demandas clínicas, de casos não passíveis de serem situados dentre as estruturas clássicas, considerados como inclassificáveis, Lacan avança na construção teórica da psicanálise. Nesse rastro, foi-se configurando a segunda clínica como diferencial e mais além do Édipo. O que vai sendo cada vez mais investigado por Lacan é a relação do sujeito com o Real, o Simbólico e o Imaginário e como se dá a inscrição da lei paterna na constituição do sujeito. Nessa perspectiva, coloca a tese da pluralização dos nomes-do-pai, tornando-se múltiplo, o que também revela que cada sujeito pode servir-se dele a sua maneira

(PONTES E CALAZANS, 2017). Isso fez com que Lacan descobrisse que existe a necessidade de algum modo de amarração particular para as ordens do Real, simbólico e imaginário. A partir do estudo de Jaimis Joyce (seminário 23) Lacan desenvolve a teoria do sinthome, a amarração que envolve e segura as três ordens. Esse enlaçamento acontece de forma subjetiva e é diferente em cada caso. O sinthome é o modo particular de cada um lidar com a falta, é um saber fazer com o sintoma.

Os casos ditos “inclassificáveis” relacionados à psicose comportariam estabilizações que não reportariam ao desencadeamento que revelam a fenomenologia típica da psicose: delírios, alucinações e transtornos de linguagem, justamente a desamarração do Sinthome. E é por conter os traços paradigmáticos da loucura, como o caso Schreber, que demonstram de forma exuberante os transtornos de linguagem e de pensamento e não deixam nenhuma margem de dúvida quanto ao diagnóstico estrutural.

2.5 Rompendo os Nós

Sobre o que são as “fugas” de realidade, os desencadeamentos que acontecem no indivíduo psicótico? Para a psicanálise, a psicose não é algo adquirido, ela é uma forma do sujeito expressar seu sofrimento, uma estrutura psíquica de funcionamento subjetivo. A forclusão, não deixa nenhum vestígio o que impossibilita a admissão do Édipo no simbólico, sendo assim o que é negado no simbólico retorna no real sob a forma de automatismo psíquico cuja expressão mais evidente é a alucinação. Como o retorno é no real, o que retorna surge como se fosse algo que se inclui fora do simbólico. Desse modo, aquilo que retorna aponta para uma exterioridade do sujeito em relação ao simbólico como muito bem ilustram as vozes alucinadas e os pensamentos sonorizados (FARIAS, p.91).

Lacan pensou a estruturação clínica dentro das ordens do nó borromeano, no qual se encaixam três características da estruturação psíquica: o real, simbólico e imaginário. Neste modelo proposto por ele, simbólico é tudo aquilo que é possível se captar por meio da linguagem, o imaginário, cujo ponto de partida é a referência ao corpo, é o suporte do sentido. A relação que o sentido tem com o círculo consistente do real é, em princípio, de exterioridade e o real é o que escapa ao simbólico e ao imaginário, que não se pode dizer ou expressar por meio da linguagem (DIAS, 2006). É dessa configuração que se entende tudo que opera em meio a alucinação, aquilo que

foge do simbólico e o indivíduo não consegue colocar em linguagem, retorna por meio do real, isso caracteriza, de acordo com sua relação com os sintomas, tudo o que se vê como desestabilização e traz grande sofrimento ao sujeito.

2.6 Amarrações Subjetivas

As amarrações subjetivas, tema deste trabalho, é um termo utilizado por Lacan, que funcionam como bengalas imaginárias para o sujeito. Ele compara esta situação pouco estável do sujeito antes da descompensação psicótica a um banquinho de três pés, ao qual falta o quarto pé que lhe daria estabilidade. O sujeito psicótico é, pois, levado a servir-se de “bengalas” imaginárias que não lhe dão apoio quando ele tropeça no buraco da significação ausente. Todos os acontecimentos sensório-perceptivos para então o desencadeamento delirante em si são chamados de pré-psicose, o que nunca deve ser confundido com a psicose ordinária como foi nomeada por Miller (ZBRUN, 2010). Pré-psicose é o sentimento que deve ser tomado ao pé da letra, diz Lacan, de que o sujeito chegou à beira do buraco (QUINET, 2006, p.19). Em *La psicose ordinária*, Jacques Alain Miller lança o termo psicose ordinária, dizendo que estes são psicóticos mais modestos. Diferentemente de Schreber que tinha uma psicose extraordinária, estes se apresentam de forma ordinária, apesar de reservarem surpresas. Ele inclui aí as psicoses compensadas, medicadas, suplementadas, não desencadeadas, as psicoses em terapia ou em análise, aquelas que evoluem e a psicose sinthomatizada (P.09, ZBRUN, 2010). Ou seja, a psicose ordinária é quando o sujeito se conduz sustentado em alguma amarração, construindo suas próprias metáforas subjetivas para se manter fora do delírio, mesmo que esses sempre possuam suas certas características ou estranhezas, ainda assim estão amarrados conseguindo situarem-se frente as demandas recebidas. Nas formulações da segunda clínica, Lacan defende que a sustentação do nome-do-pai apresenta fragilidade em todas as estruturas, e que em qualquer estrutura, todos os discursos são defesas contra o real.

Quinet em 2006 no seu livro “Teoria e Clínica da Psicose”, mostra como funciona o trajeto da desamarração simbólica, em que existem três momentos que caracterizam a descompensação do sujeito fazendo com que este se desestabilize: pela dependência da relação do sujeito com o significante a sua realidade se declina primeiramente das suas bengalas imaginárias, perdendo suas muletas de pensamento; então entra-se no desencadeamento pela dissolução imaginária, a catástrofe subjetiva pela inserção no real; e por fim, a estabilização que envolve

a restauração do imaginário. Em si é o reconhecimento com o falo imaginário, a queda dessa identificação e no fim a reconstituição de ser o objeto de gozo do Outro, em que já se entra outra questão, a do gozo imaginário do Outro e sua relação com o sexual.

A posição estrutural do sujeito na psicose é a de ser o objeto do gozo do Outro, objeto de uso do Outro, este Outro absoluto que reproduz o primeiro tempo lógico do Édipo, quando a criança se encontra identificada ao falo imaginário da mãe como objeto de seu uso pessoal (p.17, QUINET 2006). Diferentemente da neurose, o sujeito psicótico em sua estrutura não se desvinculou por meio da castração simbólica da sua imagem e semelhança. O momento da inserção do nome-do-pai não aconteceu, logo ele se manteve objeto de uso do desejo do Outro, que primordialmente é a mãe, e isso permaneceu em sua forma, atribuído ao campo na linguagem e suas relações. É precisamente esse momento que fora foracluído, que faz retornar por meio do real. O delírio é uma resposta quando o sujeito é convocado a responder de uma posição fálica, usar de objeto e não ser usado como objeto. É pela falta desse significante de faltante que a resposta se formula como o delírio que opera por meio do imaginário a forma de escapar do real e não pode ser simbolizado em sua estrutura mental. O chamado ao Nome-do-Pai foracluído pode dar-se quando o sujeito é instado a ocupar uma função que corresponde a uma função simbólica de pai (QUINET, 2006, p.21).

Na neurose, algo fora perdido e há então, sempre o desejo de retomar esse objeto, e esse desejo que pode ser até muitas vezes destrutivo, esse algo perdido, Lacan teorizou como objeto “a”. A consequência da castração simbólica é uma perda de gozo que no neurótico torna-se um gozo localizado, correlacionado a um objeto, o objeto “a”, causa do desejo (QUINET, 2006, p.30). O sujeito castrado e simbolizado por algo que foi perdido tem o desejo de retomar seu objeto ausente, e é a partir disso que ele se molda em seus significantes. No psicótico por não haver essa cadeia de significantes operantes no sentido da falta, provoca seu discurso sem sentido, formulado ainda a ser objeto do Outro, escravo deste, ser o gozo do Outro.

Outro fator que também que é pertinente a estrutura psicótica, é sua posição frente a diferença dos sexos, situando-se como Ex-sexo. Não se posiciona na partilha dos sexos em função da verificação do nome-do-pai. O resultado da metáfora paterna é a inclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o acesso à significação fálica (Φ), que permite ao sujeito se situar como homem ou mulher na partilha dos sexos (QUINET, 2012, P.20). No neurótico, na inserção do nome-do-pai o sujeito, de forma inconsciente, se identifica e escolhe, relacionando-se ao gozo e seu objeto de desejo, trazendo novamente a questão do Outro de identificação desde o

estádio do espelho. Como exemplo clássico está o caso estudado por Freud (1910) de Schreber. Dentro do seu delírio, ele se reconheceu como a mulher de Deus, alegando que iria copular e criar uma nova raça de seres humanos para povoar a terra. Percebendo-se o buraco por não haver significação fálica, permaneceu um espaço vago para um reconhecimento, que é feito na desestabilização e operado na linguagem, por não haver um significante que deslize e o faça assumir seu próprio ponto de identificação. Uma vez que a identificação com o sexo masculino não podia ser sustentada por nenhuma referência ao significante do pai, ele recorre a clichês, apelando à “bravura viril”. Nesta situação, a transformação em mulher (QUINET, 2006 p. 33).

Schreber é um caso de psicose estudado por Freud pelo próprio livro que Schreber publicou: “Memórias de um doente dos nervos”. Nesse livro, ele conta sobre todo o desencadeamento de sua doença, desde o momento em que precisou assumir o cargo de Presidente da Corte de Apelação de Dresden. Começou a formular seus pensamentos intrusivos no tempo de perda de suas amarrações e isso o levou a ser internado em um hospital psiquiátrico. Schreber, narrando seus delírios, relatou que deus lhe mandou uma conexão por raios divinos em forma de pássaros falantes, falas interrompidas, delírios de feminilização e nesses delírios ele se transforma em mulher, que irá copular com deus para dar origem a uma nova raça de seres que salvará a humanidade.

Na tentativa de formular tudo aquilo que nunca fora estabelecido em seu inconsciente, trazendo sua fuga da realidade como forma de sensações, imagens, ideias, é que Schreber perde sua sustentação. Schreber sempre manteve suas amarrações sustentando-se em suas bengalas imaginárias, nunca precisando assumir um papel fálico, no qual não precisou operar por outras vias. Até aquele momento de conseguir um cargo de alto escalão na comunidade jurídica, quando precisou assumir seu papel de dono do falo imaginário, aquele que possui algo. As alucinações e delírios podem não ter um significado concreto pela parte vista fora da situação. A falta de conseguir significar o real, aquilo que foge da linguagem, cria-se situações para dar como resposta àquela a ausência da capacidade de simbolização do que não foi perdido. Essa foi a maneira que Schreber encontrou de se inserir na linguagem e reconstruir a realidade que vazou naquele momento.

O delírio é a formação imaginária que dá forma à realidade de cada sujeito psicótico a partir da costura simbólica do real, constituindo assim um modo de defesa do sujeito contra o impossível de suportar - o que do real está foracluído do simbólico. O delírio é, portanto, não algo a ser combatido para ser destruído, mas é o próprio trabalho de elaboração do sujeito

para viver num mundo suportável. A alucinação é o momento no qual o sujeito chegou à beira o penhasco e caiu, e tenta de qualquer maneira retomar. Dar como resposta aquele lugar que nunca foi de faltante e que se quebram os laços entre Real, Imaginário e Simbólico.

É preciso também seguir na direção contrária à metáfora delirante, não deixando o sujeito ir muito longe em seu delírio, isso seria o que Lacan chamou de 'sinthoma' o que une os três laços. Não se trata mais de distinguir "distúrbios de linguagem", as deformações simbólicas, mas ficar atento aos efeitos clínicos ocorridos na amarração/desamarração, e à flagrante estranheza entre o eu e o corpo. Na psicose a pulsão está desconectada da dialética do discurso e tem um exercício por assim dizer desenfreado (CORREIA, 2010).

Lacan apresentou a teoria os laços borromeanos: Real, Imaginário e Simbólico, os três sustentados pelo Sinthome, bengalas imaginárias. Na dissolução desses laços acontece o desencadeamento e para retomar é preciso aderir a uma metáfora delirante, a reconstrução mesmo que dentro do sentido do delírio, para que o sujeito volte a estabilização de fazer laço social e ao apaziguamento da angústia provocada pelo excesso de gozo. A forma de responder ao mundo e aos seus significantes é baseada, portando, dos três registros, Imaginário - Simbólico - Real, estarem entrelaçados pelo Sinthome. Quando no caso da psicose a suplência vacila ou se desfaz, é a própria realidade do sujeito que se desvanece: a dissolução imaginária corresponde ao desprendimento do anel do imaginário que se desgarrar como uma pipa que perde a linha.(...) e a restauração da realidade na psicose é devido ao advento de uma metáfora delirante (QUINET, 2006, p.56).

Mas há sempre de se levar em conta que a psicanálise opera na questão individual e subjetiva de cada sujeito, cada caso sendo exclusivo em si, cada construção simbólica e as formas de tentar lidar com a realidade é uma criação específica e única. As amarrações simbólicas, bengalas imaginárias e laços, são todos sinônimos para tentar nomear a forma que o homem se liga aos seus conteúdos imaginários e faz surgir a sua visão da realidade. O sentido de um sintoma na neurose assim como na psicose nunca é um sentido comum - não há senso comum para o sintoma - ele é sempre singular.

Falando ainda de realidades organizadas pelo sujeito, levando em conta seu gozo para o Outro, é discutido o estereótipo da loucura como doença, a patologia de fuga da realidade que é caso de internação, por muitas vezes a apresentação da fragilidade em demasia. Com tudo o

que já foi escrito na psicanálise, é visto que a psicose não é uma doença, é o sujeito formulado nessa base de estruturação mental e essa é sua forma de lidar com os fatos de sua vida.

O sujeito então é capaz de se enlaçar com suas formas subjetivas e de responder a situações necessárias da vida. O seu sinthome sustenta as três ordens para que o sujeito crie e se mantenha fora da angústia. É preciso formular uma nova resposta ao mundo quando não se tem no seu registro como enfrentar a falta, a ausência traz dificuldades de simbolização tornando o indivíduo sempre como posição de objeto de desejo e não de desejante, mantendo-se então na relação gozosa de outro e Outro.

Mas o que se dava como impossível de tratamento, na atualidade, desde o ensino de Lacan, já é entendido como passível de tratamento. Em uma análise o sujeito psicótico constrói uma relação transferencial diferente, tendo o analista como Outro, que o ajudará a formular ou manter suas bengalas imaginárias e mantê-lo dentro da realidade e da linguagem, construindo significantes que lhe formule uma amarração simbólica, mesmo que de forma precária por conta de sua estruturação mental. Em uma análise o trabalho é de atar e reatar os nós do sinthome do indivíduo para permanecer amarrando as ordens Real, Simbólico e Imaginário.

3. METODOLOGIA

Foi usado o método de revisão bibliográfica, estruturado em modelo de artigo relacionando o tema com as teorias estudadas para a composição do trabalho. Inicialmente abordado os temas de constituição e estruturação do sujeito e interligando com a teoria do inconsciente, referenciados em Freud e Lacan. No segundo momento, discute-se a estrutura da psicose e como se dá a estabilização e desestabilização do delírio pelo ensino de Lacan, priorizando o Real, Imaginário e Simbólico, os três amarrados pelo Sinthome.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi exposto no trabalho, a Psicanálise foca sempre na subjetividade do sujeito, a unicidade de cada caso estudado sem se ater a regras. Considera o sujeito psicótico nas especificidades de sua subjetivação, a sua constituição é particular e sua forma de se articular no mundo também. Dentro das três ordens, o sujeito constrói em seu inconsciente, formulações que amarram estas três, nomeado por Lacan de Sinthome. O momento da desestabilização é o desatar desse Sinthome que quebra o elo entre Real, Imaginário e Simbólico.

Pelos estudos feitos em diversas fontes para a composição deste artigo, foi perceptível o avanço da teoria na psicanálise em relação a forma de enxergar o sujeito. No começo a psicose foi dada por Freud como inviável em análise, sendo revisto por Lacan como uma clínica possível, uma clínica diferencial. A demanda e o avanço dos estudos no campo fizeram e fazem novas formulações teóricas surgirem para a melhor compreensão do sujeito.

Como aprendizagem final na elaboração deste estudo é: o conhecimento de como funciona o mundo interno do psicótico; sua relação com o Outro e seus objetos de desejo; o Sinthome pela teoria de Lacan e por fim, as amarrações subjetivas que o próprio sujeito cria para conseguir lidar com o Real.

REFERÊNCIAS

BRUDER, Maria Cristina Ricotta; BRAUER, Jussara Falek. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação**. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 12, n. 3, p. 513-521, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300008&lng=en&nrm=iso>. access on 05 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000300008>

CORREIA, Thaís Moraes. **Casos raros: as psicoses ordinárias na clínica do delírio generalizado**. *Opção Lacaniana online nova série* , *Opção Lacaniana online*, 2010

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. **Le sinthome**. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 91-101, jun. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982006000100007>.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito** — 3.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. [S. l.]: Imago, 1920.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. *In*: FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalho**. [S. l.]: Imago, 1910.

GUERRA, Andréa Máris Campos. **A psicose** , 1971-. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PONTES, Samira; CALAZANS, Roberto. **O Legado Estruturalista em Lacan: Clínica e Diagnóstico da Psicose**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 37, n. 3, p. 738-752, set. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932017000300738&lng=pt&nrm=iso>.

acessos

em 19 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002952016>.

QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

QUINET ,Antonio. **Teoria e clínica da psicose** - 3.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SADALA, Gloria; MARTINHO, Maria Helena. **A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud**. ágora, Rio de Janeiro, 2011.

ZBRUN, Mirta. **A clínica diferencial das psicoses e as psicoses ordinárias**. Opção Lacaniana online nova série , Opção Lacaniana online, 2010.

